

No dia 7 de abril de 2015, realizámos a nossa primeira intervenção na Sala Amarela. Depois de uma preparação prévia, referida no guião de intervenção pedagógica, e após a definição de quais os aspetos a que queríamos prestar mais atenção através da observação-participante, iniciámos uma prática segunda esta metodologia de observação. O nosso primeiro contacto com as crianças foi no polivalente, onde assistimos à receção da educadora por parte das crianças. Estas mostraram-se satisfeitas perante a sua chegada, mas, logo de seguida, focaram a sua atenção na nossa presença mostrando-se curiosas.

A primeira coisa que despertou a nossa atenção foi a agitação das crianças e liberdade ao brincarem no polivalente. De seguida, reparámos que uma das crianças tinha uma coroa de aniversário colocada na cabeça. Questionando a educadora, esta explicou-nos que a criança havia feito anos no dia anterior e que tinha recebido a coroa no infantário, no entanto, trouxe-a novamente, pois gostou muito dela.

Seguidamente, dirigimo-nos para a sala de Educação de Infância, onde observámos o decorrer da rotina, questionando a educadora sempre que surgia alguma dúvida. Como habitual, a rotina começou com a reunião no tapete, onde a educadora nos apresentou às crianças e pediu para que as mesmas também se apresentassem. Seguiu-se a canção dos bons-dias e o preenchimento do quadro do tempo, que são rotinas habituais todas as manhãs. Algumas das crianças envergonhadas com a nossa presença não responderam aos bons-dias da educadora.

Numa conversa informal, as crianças partilharam as suas experiências vividas nas férias da Páscoa, com muito entusiasmo. Para as acalmar, a educadora cantou uma canção e decidiu que iriam passar o resto da manhã a brincar nas áreas. A educadora explicou-nos que tomou esta decisão para que as crianças pudessem estar com os colegas que não viam há algum tempo, ao mesmo tempo que regressavam à rotina de forma progressiva através de uma atividade que lhes proporciona prazer, nomeadamente, o brincar.

Neste momento de brincadeiras livres nas áreas, as crianças foram distribuídas em grupos de dois, três, quatro e cinco elementos por sete das áreas de aprendizagem. De acordo com Hohmann e Weikart (2003), estas áreas de interesse são predominantes nas salas de Educação de Infância e estimulam diferentes tipos de brincadeiras, bem distintas entre si. A cada uma destas áreas está associado um objetivo ou tipo de atividade, como por exemplo construção, invenção, leitura ou jogos simples. Estas áreas possuem materiais específicos relacionados com o tipo de atividade que com ela se pretende desenvolver. Atendendo a que as crianças têm acesso às áreas diariamente, já sabem que materiais podem encontrar e onde estes se encontram. Além disso, os mesmos autores salientam que todos os materiais devem

estar acessíveis às crianças e que cada área de interesse deve ter uma dimensão que permita que lá possam brincar todas as crianças que o desejem.

No entanto, com a nossa prática podemos verificar que o número de crianças em cada área é limitado e que não existem materiais suficientes para mais crianças do que o estipulado. Ainda assim, verificámos que as crianças conseguem aceder facilmente aos materiais e que estes estão diretamente associados à sua área. Os materiais são seguros, adequados às idades das crianças e vão ao encontro dos interesses das mesmas. Além disto, achámos particularmente relevante refletir acerca da organização da área da casinha, uma vez que, de acordo com Cardona *et. al* (2011) esta está muitas vezes associada à desigualdade de género. Segundo os autores a organização do ambiente educativo pode manifestar ideias estereotipadas e muitas vezes criam-se áreas mais apelativas aos meninos e outras às meninas influenciando o seu comportamento. A decoração de cada área, as cores e objetos utilizados são tudo causas de influência. Assim sendo, o educador deve ter atenção pois “o espaço, materiais e a sua organização é condição indispensável para evitar espaços estereotipados e padronizados que não são desafiadores para a criança” (Ministério da Educação, 1997, p. 38).

Relativamente às aprendizagens que são desenvolvidas nas áreas, pudemos verificar neste momento de brincadeira que as crianças desenvolvem conhecimentos associados a vários domínios, nomeadamente a matemática, a linguagem e o conhecimento do mundo. Na interação com as crianças nas diferentes áreas, tivemos também oportunidade de observá-las, de maneira a conhecê-las melhor, perceber as suas capacidades e competências e, ainda, os seus interesses. Para tal, procurámos interagir com várias crianças em diferentes áreas. Na área da gelataria, por exemplo, observámos que as crianças faziam conjuntos agrupando os gelados e rebuçados por cor, comunicando e demonstrando qual a sua cor favorita com facilidade. Na área da biblioteca, podemos verificar que algumas das crianças gostam de ver os livros autonomamente, relatando para si mesmas uma história inventada por elas.

Depois das brincadeiras nas áreas, as crianças formaram um comboio para ir para a casa de banho, onde iriam realizar a higiene. Mostraram algumas dificuldades em manter-se quietas na fila à espera da sua vez de entrar na casa de banho, sendo necessária a intervenção da educadora com algumas canções para os distrair. Seguiram para o refeitório onde, com a nossa ajuda e dos restantes adultos, comeram a sua refeição.

No refeitório, observámos que a maioria das crianças é autónoma, apesar de algumas não gostarem de comer sozinhas. A maioria não gosta de comer vegetais, apesar de todos os pratos os conterem. Algumas crianças trazem a comida de casa, e, apesar de ser diferente da comida dos colegas, todos aceitam esta diferença e respeitam-na. A hora da refeição é

também um período de aprendizagem de sensações e atitudes comportamentais. As crianças que aprenderam há pouco tempo a impor-se e a dizer que “não” a certas situações, muitas vezes acabam por dizer que não querem comer para impor-se perante o adulto (Brazelton & Sparrow, 2004). Duas das crianças mostraram resistência à comida, sendo necessário negociações para que estas comessem. O diálogo à hora da refeição funcionou como forma de distração para que a criança se esquecesse da necessidade de resistência à comida.

Seguiu-se a higiene oral e preparação para o descanso. Junto à porta da sala, é colocado um tapete onde as crianças se sentam para descalçar os sapatos e tirar a bata, a maioria de forma autónoma. As crianças colocam os sapatos junto dos seus pertences e deslocam-se sozinhas para as suas camas. A sala encontra-se com as cortinas fechadas, proporcionando um ambiente escuro e calmo, acompanhado por uma música de relaxamento colocada pela educadora no leitor de CD. Algumas das crianças demonstraram-se inquietas e resistentes ao sono, pedindo muitas vezes mimos por parte do adulto. Portugal (1998) afirma que é comum a criança resistir ao sono por volta dos três anos, pois dormir significa desligar-se do mundo exterior e pensar no mundo interior, dificuldades que estão relacionadas com a fase desenvolvimental em que estas crianças se encontram. Com a nossa presença, a vigilante Marlene, a voluntária Catarina e a Educadora Cláudia tornou-se muito mais rápido adormecer as crianças, visto que nos espalhámos pela sala a aconchegar várias crianças.

Enquanto as crianças dormiam, fomos almoçar e aproveitámos para conversar com a educadora e tirar algumas dúvidas acerca da nossa intervenção na semana seguinte. Esta mostrou-se disponível e acessível para atender todas as nossas dúvidas. Quando regressámos, as crianças já estavam acordadas e encontravam-se no tapete a cantar uma música com a vigilante Marlene, que as mantinha entretidas num tempo de espera que não pode ser eliminado (Hohmann & Weikart, 2003). A educadora reuniu as crianças no comboio e depois da higiene seguiram para o refeitório para lanche.

Após o lanche, as crianças foram brincar para o polivalente e, quando o parque infantil exterior ficou desocupado, as crianças saíram para brincar na rua. Desde esse momento, começaram a chegar alguns dos pais para levar as crianças para casa. Muitas mostraram-se satisfeitas por regressar a casa, outras mostraram resistência em deixar as brincadeiras. As restantes crianças deslocaram-se para o interior da sala, onde brincaram livremente na área dos jogos e das histórias até os seus pais chegarem.

Referências:

- Brazelton, T. B. & Sparrow, J. D. (2004). *A criança dos 3 aos 6 anos – o desenvolvimento emocional e do comportamento*. Lisboa: Editorial Presença.
- Cardona, M. (2012). Género e diversidade cultural: um desafio para o jardim de infância. *Infância na Europa*, 23, 23-25. Lisboa: Associação de Profissionais de Educação de Infância.
- Hohmann, M. & Weikart, D. P. (2003). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Retirado de <http://santiagomaior.drealentejo.pt/site/programas/ocpe>
- Portugal, G. (1998). *Crianças, Famílias e Creches – Uma Abordagem Ecológica da Adaptação do Bebê à Creche*. Porto: Porto Editora.